



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UnB

DECANATO DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS - DAC

DIRETORIA DA DIVERSIDADE - DIV

RELATÓRIO

Construção Coletiva de Ações Para o Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres

Brasília, abril de 2016

Construção Coletiva de Ações Para o Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres

Tendo em vista que a violência contra as mulheres é um problema social de grandes proporções, do qual o ambiente universitário não está isento, e reconhecendo a complexidade e a diversidade de situações associadas às diversas formas de violência, a Universidade de Brasília (UnB), por meio do Decanato de Assuntos Comunitários (DAC), da Diretoria da Diversidade (DIV), do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher (Nepem), em conjunto com a ONU Mulheres, promoveu o 1º Encontro de Construção Coletiva de Ações de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, com participação de vários segmentos da comunidade acadêmica.

O Encontro ocorreu no Anfiteatro 9 da Universidade de Brasília, *campus* Darcy Ribeiro, às 10 horas e 20 minutos, do dia 5 de abril de 2016, encerrando-se às 12 horas e 30 minutos. Estiveram presentes à Mesa, conduzindo o evento: Thérèse Hofmann, Decana de Assuntos Comunitários; Maria Inez Montagner, Diretora da DIV; Silvia Badim, Coordenadora da Coordenação dos Direitos da Mulher; Lourdes Bandeira, Coordenadora do Nepem; Amanda Lemos, da ONU Mulheres; e Helena Neves Esteves, representante do DCE.

No Encontro, foi apontada a importância de se promover esse tipo de debate e a necessidade de aprimorar o acolhimento e a formalização de denúncias de violência sexista e de machismo dentro da Universidade. Ainda, como objetivo central, fazer o levantamento das pesquisas e ações voltadas às questões de gênero presentes nos *campi*. Para que se tenham resultados efetivos no combate à violência, é indispensável uma ação conjunta, daí a ideia de uma construção coletiva e de parcerias de ações, em que estejam presentes professores/as, servidores/as, alunos/as e coletivos. Bem como é essencial a parceria com a ONU Mulheres, entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres.

A finalidade dessa construção coletiva é otimizar as ações que já ocorrem dentro da UnB, além de propor e implementar outras medidas, organizando-as em rede, por meio de parcerias externas e internas, e, dessa forma, atuar concretamente na eliminação das mais variadas formas de discriminação e violência contra a mulher.

Algumas denúncias foram feitas, tais como: alunas sob ameaça constante de assédio, diversos tipos de violência sexual e tortura psicológica; estigmas sobre o feminismo; violência racial, além de ações desarticuladas, mas também com uso da violência de gênero; falta de

uma norma de sociabilidade e de boa convivência entre os discentes, assim como com os demais segmentos que compõem a UnB; falta de ações imediatas; não responsabilização de agressores; e ausência de articulação com a ouvidoria e outros setores da Universidade. Todas essas denúncias foram tomadas como desafios para todo o público presente.

A ONU Mulheres em conjunto com a DAC-DIV e o Nepem apresentaram dez propostas para o enfrentamento da violência contra as mulheres, a saber:

1) Curso de extensão sobre relações de gênero, com ênfase nas questões de masculinidade para homens (segurança, servidores, professores e alunos), com previsão para maio de 2016. Um dos grandes motes do Curso é servir de base para uma conscientização de homens violentos, e a possível reabilitação para agressores de mulheres condenados na Justiça. Sugestão de parceria: UnB (DAC e DEX); ONU Mulheres e Instituto Papai;

2) Curso de extensão sobre feminicídio, já coordenado pela Professora Ela Wieko, do curso de Direito/UnB, que organizou o primeiro curso sobre feminicídio no país; replicar esse curso para toda comunidade, com previsão para julho de 2016. Sugestão de parceria: UnB (DAC, Faculdade de Direito e Nepem);

3) Curso de formação de professoras e professores em gênero e relações raciais, com previsão para novembro de 2016. Sugestão de parceria: UnB (DAC, DEX). Com destaque para a discussão sobre agressão a mulheres negras, que vêm aumentando no Brasil, e, portanto, precisa ser abordada e problematizada. Existe um ponto importante sobre questões raciais e gênero, e os professores e professoras precisam estar aptos a abordar isso em sala de aula e no trânsito com os alunos;

4) Disciplina optativa: Pensamento Social Brasileiro e Relações de Gênero, com previsão para julho de 2016. Sugestão de parceria: UnB (Nepem e Departamento de Sociologia). Essa disciplina deve ser ofertada para maior número possível das pessoas na UnB;

5) Ciclo de palestras sobre Direitos das Mulheres, com previsão para julho de 2016. Fazer uma série de palestras e ciclos de debate relacionados a perspectiva da interseccionalidade, destacando os direitos das mulheres, a partir de temas como: a situação das mulheres no mercado de trabalho e o papel da UnB na qualificação profissional; a reprodução/recorrência das profissões 'ditas' femininas; as mulheres nos espaços de poder, além de questões ligadas às práticas de violência de gênero, em todos os *campi*. Sugestão de parceria: UnB (DAC, DEX, Nepem, DCE, CAs, AdUnB, Asfub);

6) Auditoria sobre a segurança das mulheres nos *campi*, com previsão para maio de 2016. ONU Mulheres e Conselho comunitário de Segurança (conselho consultivo). O ONU Mulheres tem uma metodologia para trabalhar junto com as mulheres da UnB, para mapear os lugares considerados inseguros de circulação na Universidade e atuar para que passem a ser seguros. Sugestão de parceria: UnB (DAC, SOU e Conselho Universitário de Segurança);

7) Campanha pelo fim da violência contra as mulheres – Construção coletiva de cartazes e cartilhas sobre serviços no DF de atendimento às mulheres, sobre violência de gênero, sobre feminismo etc, com previsão para maio de 2016 e outra para novembro de 2016. E realização de atividades (aulas públicas, debates, entre outras ações para promover o enfrentamento da violência contra as mulheres) de março a dezembro de 2016, no dia 25 (Dia Laranja pela Eliminação da Violência contra as Mulheres) nos *campi* da UnB. Sugestão de parceria: UnB (DAC, DCE, CAs, Nepem, Coletivos e SOU);

8) Concursos de vídeo de 1 minuto – Realizar concurso de vídeo com duração de um minuto, com a temática “O Valente não é Violento”, para ser divulgado e para que todos e todas na UnB possam participar - Previsão para maio de 2016. Sugestão de parceria: UnB (DAC e SOU), ONU Mulheres, Faculdade de Comunicação da UnB;

9) Promoção de trote sem violência (racismo, sexismo, lesbohomotransfobia), com previsão para julho de 2016. Sugestão de parceria: UnB (DAC, DEX, CA's, Coletivos, SOU);

10) Inclusão do tema diversidade na Revista Participação, do Decanato de Extensão, a revista de extensão mais antiga da UnB – pensar um número específico e exclusivo sobre diversidade - com previsão para 2016.

Após essa explanação, a comunidade acadêmica foi convidada a se pronunciar acerca de outras sugestões que possam contribuir para o enfrentamento à violência contra as mulheres no âmbito universitário, o que resultou nas seguintes propostas:

1) Melhorar a iluminação nos *campi* como ponto central para a segurança das mulheres, que sofrem pela falta de iluminação em seus trânsitos diários pela Universidade. A presença desta é pronto crucial para termos mais segurança dentro do *campus* Darcy Ribeiro e

também dos outros *campi*. Sem luz não temos como garantir qualquer segurança às mulheres que transitam de noite pela Universidade. A escuridão favorece as agressões e faz com que o controle fique mais difícil – verificar porque existem pontos de luz desligados e tantas áreas sem iluminação no *campus*;

2) Há providências que já vem sendo realizadas sobre questões de gênero e que não tem visibilidade na UnB, portanto, são necessárias ações que as tornem mais conhecidas e articuladas as já existentes, para somarmos esforços e atuarmos de forma conjunta. No Nepem existem várias ações, projetos e estudos sobre o tema, assim como disciplinas que são oferecidas pelo Departamento de Sociologia, Antropologia, Comunicação, Direito, entre outros. Todas essas ações tem que ganhar visibilidade e serem presentes. O Nepem, a cada 15 dias, tem reunião com Membros do Ministério Público e colegas professoras de diversos Departamentos, perfazendo um grupo de trabalho de aproximadamente 30 pessoas que discutem aplicação da Lei Maria da Penha no DF e da Lei do Femicídio. Embora seja um grupo atuante ainda é pouco conhecido e divulgado na UnB;

3) Priorizar o uso da Biblioteca Central (BCE) para alunos/as e professores/as da própria UnB, para garantir que o uso de livros e do material bibliográfico seja, prioritariamente, destinado à nossa comunidade;

4) Explicitar que o movimento de mulheres da UnB não apoia a presença de Polícia Militar - PM dentro do *campus*, pois isso gera mais insegurança e constrangimento nos *campi*. Precisamos de uma segurança privada capacitada, treinada e sensibilizada para lidar com os casos de violência contra as mulheres. Essa pauta deve ficar clara no debate sobre segurança dentro da Universidade;

5) Resolução do Consuni 01/2012, que fala sobre o Código Disciplinar Discente: é necessário ampliar o debate para que possa agregar coletivos, Centros Acadêmicos (CAs), professores e institutos, para que uma nova regulamentação ética contemple adequadamente os casos de violência e agressões contra mulheres, população negra, indígena e LGBT;

6) Articular demandas para o lançamento de Editais específicos de fomento a ações de ensino, pesquisa e extensão sobre diversidade, para que sejam disponibilizados mais recursos e outros apoios financeiros a essas temáticas dentro da UnB;

7) Sugestão de formar uma Comissão com várias professoras, alunas, coletivos, técnicas e demais membros da comunidade acadêmica, nos mesmos moldes que a Comissão de combate a LGBTfobia da UnB, para dar maior legitimidade e articulação à construção coletiva de estratégias de combate à violência contra as mulheres na Universidade;

8) Necessidade de ter uma articulação efetiva com a Ouvidoria. Esta consiste em um órgão central para o recebimento de denúncias e para o encaminhamento de questões relacionadas a agressões e violência de gênero na UnB e, portanto, precisa ser melhor organizada e capacitada para atuar nas áreas de gênero e diversidade, com maior articulação para o encaminhamento de denúncias;

9) Realizar uma pesquisa sobre agressões sexuais e violência contra mulheres nos *campi*, que pudesse averiguar de que forma as alunas da UnB vem sofrendo violência de gênero dentro da Universidade;

10) Realizar um festival de vídeos sobre o combate à violência de gênero ao invés de um concurso, para obter uma amostra ampla e envolver toda a comunidade universitária, contando com o apoio da Faculdade de Comunicação. Deveria ser eleita uma comissão para trabalhar nesse Festival, com incentivo à participação de toda a comunidade universitária;

11) Apoiar a Carta de docentes da UnB, que partiu da Faculdade de Comunicação e foi subscrita por 120 professores/as da UnB, bem como as propostas nela contidas para enfrentamento da violência contra as mulheres, que segue em anexo;

12) Necessidade de penalizar os autores de trotes violentos e com isso dar uma resposta à comunidade, e trabalhar em todo início de semestre na prevenção de violência contra as mulheres;

13) Necessidade de se criar uma comissão especial para avaliar os casos de estupro nos *campi* e trabalhar com a prevenção e punição a essas violências sexuais;

14) Aumentar as linhas de transporte público que circulam no interior da Universidade, bem como a integração entre as linhas de ônibus intercampi para proteger às alunas de eventuais agressões ocorridas em pontos de ônibus e na espera dos coletivos, bem como no trajeto extenso onde não existe integração entre os *campi*;

15) Necessidade de se integrar a discussão de raça e feminismo nos temas e em todas as ações que se trabalhe gênero e violência dentro da Universidade, dado o aumento da agressão a mulheres negras e o número sempre mais expressivo de violência cometida contra essas mulheres, que sofrem por serem mulheres e negras;

16) Estender as ações de combate à violência contra as mulheres para os outros *campi* (Planaltina, Gama e Ceilândia);

17) Proporcionar cursos e ações sobre gênero no turno noturno, para que os estudantes e professores dos cursos noturnos também possam participar;

18) Oferecer incentivos às alunas dos cursos de exatas, que sofrem muito com o machismo preponderante nesses cursos, dominados por homens em sua maioria. As questões de gênero são muito ausentes nesses cursos, e o número de professoras que dão aula e transitam por eles é muito baixo;

19) Estimular professores/as a abordar a questão nas mais diversas disciplinas, de modo a não restringir o debate às áreas de ciências humanas e sociais, onde tradicionalmente se concentra o interesse pelo tema. Por exemplo, falar de álgebra e políticas de gênero, gênero e bioquímica. Essa transversalidade já estava prevista como projeto pedagógico da UnB por Darcy Ribeiro;

20) Apoiar as Promotoras Legais Populares, cuja formação é feita pela UnB em Ceilândia, que é um curso histórico voltado para toda a comunidade e que tem excelentes resultados no empoderamento de mulheres;

21) Mapear coletivos de mulheres e lhes proporcionar recursos financeiros para que tenham mais força para atuar na UnB;

22) Realizar um processo de escuta e consulta pública sobre o tema para realizar um diagnóstico, aferir demandas e pensar em soluções de forma mais horizontal e integrada, envolvendo a comunidade universitária em todos os níveis (alunas e alunos, coletivas, movimento estudantil, técnicas e técnicos administrativos, professoras e professores, etc). A proposta seria realizar uma primeira plenária aberta a todos e mais livre, seguida de discussões que envolvessem as unidades e setores administrativos em todos os *campi*, mas de forma transversal - discussões envolvendo, por exemplo, as Engenharias e Artes, a Nutrição e a Comunicação, a Matemática e o Direito, etc. Desses grupos seriam eleitos delegados, que representariam os grupos apresentando suas deliberações em uma grande Conferência, realizada ao final).

Durante a conferência, os delegados também se reuniram em grupos, consolidando demandas a fim de redigir um documento que contemplasse as principais demandas. Esse documento serviria de base para implementação dessas políticas por parte da reitoria;

23) Criação de creche para as estudantes que necessitam, pois as alunas que têm filhos são desestimuladas dentro dos cursos, em face da dificuldade de cuidarem deles e participarem das atividades discentes dentro da Universidade;

24) Incentivar o registro de boletins de ocorrência nos casos de violência em trotes e qualquer outro caso de violência contra as mulheres nos campi, dar apoio institucional para que as mulheres cheguem as delegacias e consigam denunciar seus agressores.

As violências que ocorrem no ambiente universitário não contribuem para uma educação de qualidade, podendo levar ao sofrimento, à reprovação e à evasão. Os debates sobre gênero na UnB sempre ocorreram e têm se intensificado após o feminicídio da estudante Louise Ribeiro, porém, o combate à violência e à discriminação contra as mulheres precisa ser discutido continuamente.

Não é possível analisar a violência contra as mulheres sem considerar a dimensão de gênero. A igualdade de gênero é um direito humano básico, e sua promoção só é plausível por meio de um esforço coletivo. A constituição de parcerias é imprescindível para o alcance dos objetivos. Desse modo, o 1º Encontro de Construção Coletiva de Ações Para o Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres é um passo importante no enfrentamento desse desafio.

ANEXO

Pela Ampliação das Políticas de Gênero na UnB

Brasília, 15 de março de 2015.

Carta à Administração Superior da Universidade de Brasília

Nós, professoras e professores da Universidade de Brasília, não podemos nos calar diante do assassinato da estudante de Ciências Biológicas Louise Ribeiro, de apenas 20 anos, por um colega de curso, nas dependências de um dos laboratórios do Instituto de Biologia. Não é a primeira vez que a violência atinge as mulheres da UnB. Ao longo dos anos têm havido denúncias de abusos, assédios, estupros. Também não é a primeira vez que uma estudante é assassinada em nossa Universidade. Ainda na década de 1980, Thaís de Muniz Mendonça foi morta por um ex-namorado.

Mas queremos que a morte de Louise Ribeiro seja lembrada como a última vez em que uma tragédia como essa aconteceu na UnB. Acreditamos que é necessário a Universidade assumir seu papel pedagógico e transformador das relações de gênero em todas as instâncias institucionais. Podemos e devemos problematizar o tema da violência contra a mulher a fim de conscientizar a comunidade universitária e a população em geral, e evitar novos casos de assédios, abusos, estupros e assassinatos. Para isso, encaminhamos as seguintes sugestões:

1. Inserção do tema violência de gênero como prioritário para discussão no CEPE, Consuni e CAD para definição de estratégias e ações institucionais de combate à violência de gênero;
2. Levantamento e sistematização de dados sobre denúncias e casos comprovados de violência ocorridos na Universidade para que se tenha um Mapa da Violência contra a mulher na UnB, em todos os campi;
3. Inserção do tema violência de gênero na campanha de boas vindas aos calouros;
4. Inserção do tema violência de gênero nos editais de financiamento de bolsas ou projetos como PIBIC, Extensão, etc;

5. Centralização do acolhimento de denúncias relativas à violência contra a mulher em um único local de atendimento, com pessoal treinado e equipe suficiente de apoio;
6. Estímulo à inserção da temática nos currículos e/ou nas atividades de todos os cursos da UnB;
7. Realização de audiência pública sobre violência de gênero na UnB, com a participação dos coletivos e grupos de estudos feministas.

Assinam esta Carta as professoras e professores abaixo relacionados, em ordem alfabética:

1. Adriana de Fátima Barbosa Araújo IL/TEL
2. Aida Alves Fadel – FT/ENM
3. Ana Claudia Farranha – FD
4. Ana Frazão - FD
5. Ana Míriam Wuensch – IH/FIL
6. Andréa Castelo Branco Judice - IdA
7. Anelise Rizzolo – FS/NUT
8. Beatriz Vargas Ramos – FD
9. Bethsáida de Abreu Soares Schmitz – FS/NUT
10. Camila Cardoso de Mello Prando – FD
11. Carla Denise Castanho CIC/IE
12. Carlos Eduardo Tosta – Prof. Emérito/FS
13. Cecília Beatriz Fiuza Favali - IB
14. Cecília Gomes de Sá - FAU
15. Celina Kuniyoshi – FCI
16. Christus Nóbrega – IdA/VIS
17. Cíntia Schwantes - TEL/IL
18. Cláudia Costa Brochado – IH/HIS
19. Cristhian Teofilo da Silva - CEPPAC
20. Cynthia Kyaw – IB
21. Cynthia Roncaglio – FCI
22. Daniela Garrossini – IdA

23. Daphne Rattner - FS
24. Dayde Lane Mendonça da Silva – FS/Farmácia
25. Débora Diniz - FD
26. Deborah Silva Santos FCI/UnB
27. Dione Moura – FAC
28. Domingos Savio Coelho - IP
29. Dulce Baptista – FCI
30. Edlene Oliveira Silva – IH/HIS
31. Elen Geraldês – FAC
32. Elisabeth Carmen Duarte - FM
33. Elisabetta Recine – FS/NUT
34. Ellis Regina - FAC
35. Elmira Simeão – FCI
36. Érika Bauer – FAC
37. Estevam C. Thompson – IH/HIS
38. Fabiano Hartmann Peixoto - FD
39. Fabíola Calazans - FAC
40. Fabrício Neves – ICS/SOL
41. Fco. CLAUDIO S. de Menezes – LET/IL
42. Fernanda Martinelli – FAC e Nemp
43. Fernando César Lima Leite - FCI
44. Fernando Oliveira Paulino – FAC
45. Flavia Biroli – IPOL
46. Flávia Lessa de Barros - CEPPAC
47. Francisco de Assis Rocha Neves – FS
48. Gabriele Cornelli – FIL
49. Guilherme Scotti - FD
50. Helena Santiago Vigata – LET/IL
51. Ildinete Silva-Pereira - IB
52. Inez Lopes – FD
53. Izabela Costa Brochado - IdA
54. Jacques de Novion - CEPPAC/ICS

55. Janaína Penalva - FD
56. Janara Kaline Leal Lopes de Sousa – FAC
57. João José Curvello - FAC
58. João Paulo C. Lustosa da Costa – FT/ENE
59. Joaze Bernardino Costa – ICS/SOL
60. José Angelo Belloni – IE/EST
61. Juliana Rochet Wirth Chaibub - FUP
62. Katia Crestine Poças – FM
63. Katia Isabelli - FCI
64. Kátia Maria Belisário – FAC
65. Kelly Grace Magalhães - CEL – IB
66. Leopoldo Luiz dos Santos Neto – PPG/FM
67. Letícia Renault – FAC
68. Lilia Tavolaro – CEPPAC
69. Liliane Maria Macedo Machado - FAC
70. Liziane Soares Guazina – FAC e Nemp
71. Lourdes Maria Bandeira – NEPeM e ICS/SOL
72. Loussia P.Musse Felix – FD
73. Luciano Mendes - FAC
74. Luis Felipe Miguel – IPOL
75. Luiz Antônio Borgo – FAV
76. Marcelo Neves - FD
77. Márcia Abrahão Moura - IG
78. Márcia Marques – FAC
79. Maria das Graças Machado de Souza – IB
80. Maria Francisca Coelho – ICS/SOL
81. Maria Paula do Amaral Zaitune – FS/Saúde Coletiva
82. Maria Raquel Gomes Maia Pires – FS/ENF
83. Maria Regina Fernandes de Oliveira – FM
84. Marina Kiyomi Ito – FS/NUT
85. Mario Diniz de Araujo Neto - IH
86. Marisa Cobe Mass - IdA

87. Marlene Teixeira De-Souza - IB
88. Maura Angélica Milfont Shzu - Gama
89. Miriam Paula Manini – FCI
90. Nathalia M. P. Pizato – FS/NUT
91. Pablo Holmes Chaves- IPOL
92. Paula Melo Martins – FCE
93. Pedro Fernando Avalone Athayde - FEF
94. Priscila Borges - FAC
95. Rebeca Abbers – IPOL
96. Remi Castioni – FE
97. Renan Utida Ferreira - FGA
98. Renísia C. Garcia Filice – FE
99. Roberto Goulart Menezes - IREL
100. Rosa Carneiro – FCE
101. Rosana Tidon - IB
102. Samuel Pantoja Lima – UnB/UFSC
103. Sandra María Pérez López - LET/IL
104. Sayonara Leal – ICS/SOL
105. Sérgio Tavolaro – ICS/SOL
106. Shirley Gomes Queiroz - Design
107. Sonia Maria de Freitas - IB
108. Suely Sales Guimarães – IP
109. Susane Rodrigues de Oliveira - HIS
110. Suzana Guedes Cardoso - FAC
111. Tânia Mara C. Almeida – NEPeM/ICS/SOL
112. Tania Siqueira Montoro - FAC
113. Thaís de Mendonça Jorge – FAC e Nemp
114. Tiago Trindade – IT/IFB
115. Valeska Zanello - IP
116. Volnei Garrafa – FS/Saúde Coletiva
117. Wagner Rizzo – FAC
118. Wivian Weller - FE

119. Wladimir Gramacho - FAC

120. Zélia Leal Adghirni - FAC

Também subscrevem esta Carta:

1. Grupo de estudos e pesquisas em políticas públicas, história, educação das relações raciais e de gênero (Geppherg - FE/UnB)

2. Núcleo de Estudos Afro Brasileiros - NEAB - (Ceam/UnB)

3. Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política – NEMP (Ceam/UnB)